

O Boquet à Angeja

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 15500, 8 mezes 13000, 4 mezes 500, Brazil 34000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

REDACTORES

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO E ANNIBAL VASCO LEÃO

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo do jornal 50 reis. — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

SUMMARIO

Os acontecimentos do Porto (artigo), *Ricardo Souto*.
Cemiterio em Angeja, *Ricardo Souto*.
O cego (folhetim), *João de Deus*.
Noticiario.
Secção litteraria

Bellezas do Christianismo (prosa), *Ricardo Souto*.
Amava-te... (poesia), *Francisco Campos*.
A mãe (prosa), *Ricardo Souto*.
Sexta-feira Santa (poesia), *Maria Adelaide Fernandes Prata*.
Divagações (prosa), *A.*
M... (soneto), *C. Guimarães*.
Reminiscências (prosa), *E. P. A.*
Paysagens (poesia), *Antonio de Lemos*.
Anthiteses (poesia), *Vidal Oudinot*.
Mystificação (poesia), *Vidal Oudinot*.
A minha amada (poesia), *Ocenarp*.

ANGEJA, 5 DE ABRIL DE 1887

OS ACONTECIMENTOS DO PORTO

O echo, que hoje tem o nosso jornal, não é sufficiente ainda para ser ouvido muito longe, nem nós da situação obscura, que occupamos, podemos impor grandes principios ou entrar vantajosamente na discussão de altas questões sociaes. Não obstante, ninguém ousará agredir-nos de emitirmos a nossa opinião sobre os acontecimentos do Porto.

Esse movimento operario, que por alguns dias perturbou a ordem publica, na capital do norte, parece-nos não constituir por forma alguma um signal de reprobção á marcha governativa, nem levantar hostilida-

des ao actual gabinete em geral. Avançamos estas proposições, sem hesitação, porque um rudimento de movimento n'uma classe pouco instruida, reforçado e augmentado pela mola real d'um grande argentario, defendendo caprichos estultos, estimulado e provocado pelo fogo dos manifestos republicanos, espalhados de manhã pelos seus jornaes e de tarde por repetidos supplementos, nunca pode traduzir a attitudde d'uma cidade, e muito menos d'uma nação para com o seu governo. Um movimento quasi artificial, tão circumscripto e tão pouco consciente, como este, tão falto de razão e de methodo, não pode trazer nunca hesitações para um governo, qualquer que elle seja. E' uma especulação baixa da rasteira politica, que leva consigo o germen da sua propria destruição.

Não é uma manifestação de liberdade, é um triumpho de anarchia. Não é uma vantagem para o commercio e para as industrias, que detestam estes processos, é uma inconveniencia, uma perda. Não é o progresso da baixa sociedade, é uma inquietação que leva a afflicção e a desordem ao lar do operario.

O elemento operario do Porto, seja dito em seu abono, a principio apresentou-se ordeiro, inoffensivo até, manifestando-se, apparecendo aqui e alli, nos comícios, um ou outro discurso socialista, apenas applaudido com as palmas e gargalhadas de meia duzia de espectadores, que procuravam divertir-se.

Porém estes processos não satisfaziam de todo a expectativa do republicanismo, que logo depois, houve por bem representar-se ostensivamente na contenda por meio da sua imprensa incendiaria. Havia o comburento para o incendio, faltava o

combustivel, onde de continuo apparecen.

O argentario estava já preparado. E assim se formou um movimento, a que podemos chamar—*tumulto operario-republicano-burnaysiano*.

E podia qualquer governo tomar a serio um acontecimento d'estes?

Podia deixar de reprimir com energia e ao mesmo tempo com prudencia, taes alterações da ordem, taes desvarios?

Seria um crime com funestas consequencias, porque isso era offerer ensejo de propaganda á desordem, á immoralidade, á anarchia, a uma situação vergonhosa, a uma especulação improgressiva, caprichosa, rude, anti-patriotica, emfim.

O governo procedeu como não podia deixar de proceder. Criam que elle crusasse os braços e deixasse alastrar a epidemia? Com que fundamento, com que verdade e com que senso verberam a attitudde das auctoridades locais e do governo perante este movimento anarchico e immoralidade? Houve imprudencias e excessos da guarda municipal, bem sabemos e alguns bastante incommodadores. Mas querem fazer o governo responsavel pela imprudencia e falta de educação dos municipaes?

Quem reflectir maduramente na espinhosa missão d'um governo, não poderá, sem remorsos, cobrir de censuras o procedimento das auctoridades. Acaso não será um governo uma força social superior, que dita as leis a todos, inculcando-lhes o respeito e obediencia? Sendo assim, para que tem os manifestos republicanos insultar e provocar as auctoridades, e, em nome da ordem e da liberdade, incitar o povo á revolta?

Se esse rudimento de partido republicano assim comprehende a or-

dem e a liberdade, n'esse caso é rude a sua comprehensão e previsto o seu futuro.

Quem estiver ao corrente, de como se passaram esses factos no Porto, e ler como nós lemos os supplementos dos republicanos, acha deciddamente repugnante e nojentoso tal procedimento—na apreciação e descripção dos factos.

Apraz-nos registrar, que a parte sensata da opposição regeneradora, posto que combata algumas medidas do actual gabinete, não secundou nem apoiou esta arruaça. Alguns dos seus membros mais illustres, que n'aquelles dias se achavam no Porto, foram procurados por alguns dos revoltosos para os guiar e proteger. A resposta foi ao mesmo tempo decisiva e cavalheirosa e desde então começaram os operarios a divisar o erro e o logro em que andavam mettidos.

CEMITERIO EM ANGEJA

TEM havido diversas tentativas de construção de cemiterio, n'esta terra; porém, infelizmente, todas tem falhado. Será isto motivo de desalento? Não, porque a necessidade não tem lei. Quando a realisação d'uma idéa não consegue vingar, não se atreve a vencer os obstaculos que se lhe antepõem, retira-se, reforça-se e depois, em occasião favoravel, quando as circumstancias o permittam, apparece de novo, e vê se pretende alcançar o triumpho.

Em Angeja, ha já o habito de dizer-se que se não faz o cemiterio, por ter falhado as primeiras tentativas.

FOLHETIM

O CEGO

Caeli enarrant gloriam Dei.

Oh! quanto é negra e pesada
Esta vida que me deste!
Nem raio d'essa luz celeste
Que á terra envias, Senhor!
E já vi!—vi a terra,
Já vi o mar e os ceus,
Vi as estréllas, meu Deus!...
Oh! desgraça, pranto e dor!

Tempo feliz! N'elle, quando
A primavera descia
Sobre o prado e estendia
Seu veu por anjos lavrado:
Eu, que inda, então via a luz,
Vouva aos campos! á cerra!
Lançara os olhos p'la terra,
Depois... aos ceus—d'encantado!

Mortaes felizes, que védes...
Quanto eu perdi, não sabeis!
Vós, meus amigos fieis...
Mal sabeis... o que eu perdi!...
N'essas noites, que as estréllas
O ceu brilhantes recamam
E a gloria de Deus aclama
Essas noites! já as vi!

A lua! a virgem dos astros,
Que tão meiga me fallava
Do meu passado e chorava
Comigo os desgostos meus;
Já hoje ao cego... não falla!
Já, p'ra mim, não surge anciosa,
Não se despede saudosa...
Já me não diz hoje—Adous!

Oh! vive o impio sem alma,
Não tem coração o Atheo;
Que—Deus!—clama a terra, o ceu,
E—Deus!—responde o Oceano!
Quem diamantes no espaço
Com mão larga semeou?
Tufó mar!... Quem t'enfreou?
Qual foi esse braço humano?!

Humilde corre a campina,
Erguem-se os montes ao ceu;
Mas quem os montes ergueu
E as campinas igualou?
Oh! não foi, não foi o homem
Fracó e não foi a força... foi esse,
Que disse á luz—apparece!
Quando a luz veio raio!

A luz!... a luz!... Vós que a védes,
Quanto eu perdi mal sabeis!
Vós, meus amigos fieis,
Mal sabeis... quanto eu perdi
Essas noites que as estréllas
O ceu brilhantes recamam
E a gloria de Deus aclamam,
Essas noites... já as vi!

Oh! tristeza! vêr o sol,
Lampada eterna dos ceus,
Caminhar nas mãos de Deus.
Os mundos banhando em luz:
Vêr como, d'um mundo a outro
Elle rôlando soberano,
Se abysma no fundo Oceano...
Oh! arrebate e seduz!

Eu já vi isso! Houve tempo
Que esses encantos gosei!
Já com a vista alcancei
Longinqua estrélla nos ceus:
Eu já medi esse espaço,
Abraçei já horisontes,
Vi planicies, vi montes,
Agora... só vejo a Deus!

Que fóra o mundo se a luz
Lhe não desse—graça e vida?—
A' vastidão desmedida
D'esse gigante do mar?
Que foram? Mas não se abysma
Cerra á mente os ceus horrores,
Que então... tem estréllas, tem flores,
Trevas... não... horror sem par!

E é esse o quadro d'est'alma!
Eis quanto eu goso, o que eu sinto!
E' esse o quadro; não mintó,
Não ha desgraça maior!
Andar sempre infirme o cego
N'um mundo que se lhe esconde
Sempré! e nunca saber onde!...
E ao homem superior!

Mas... nem me importa esse mundo
Nem as bellezas que encerra!
E' dor não vêr ceus e terra
Mas é dor que Deus acalma...
Esses ternos lindos quadros
Que eu já não vejo e que choro,
E' esposa! e filhos que adoro!
Esposa e vós... Filhos d'est'alma!

Oh! quanto é negra e pesada
Esta vida que me deste!
Nem raio d'essa luz celeste
Que á terra envias, Senhor!
E já vi!—já vi a terra,
Já vi o mar e os ceus,
Vi as estréllas! meu Deus!
Oh! que desgraça, pranto e dor!

João de Deus.

NOTICIARIO

E' engano. Hade fazer-se, porq' é preciso e é vergonhosissimo não o possuirmos já, ou não pensarmos em fazel-o.

Encarecer a sua necessidade ou urgencia, é superfluo, é inutil, por que ella insintu-se irresistivelmente, mesmo nós espiritos mais rudes.

E' indispensavel, impreterivel, inadiavel e urgentissimo até, entrarmos decididamente n'esta obra, tratarmos d'este melhoramento, que é uma das nossas vergonhas.

E conviria paralisar as obras da egreja por causa do cemiterio?

De modo nenhum. Se a não construção do cemiterio permite os enterros no coração da villa, o estado ruinoso da egreja, pôde improvisadamente, matar a freguezia inteira.

Desejamos que ambas as obras caminhem simultaneamente, porque ambas são igualmente importantes, egualmente urgentes.

Deve a junta de parochia encarregar-se das duas obras? De fórma nenhuma. Isso seria motivo sufficiente para nenhuma se concluir. A junta de parochia é composta de muito boa gente, muito activa e sensata, muito inclinada a prestar serviços e estamos certos que hade ser muito sollicita na questão da egreja. Mas não pôde nem deve dividir a sua força, a sua actividade, o seu tempo, por mais empresa alguma, por que toda essa força, actividade e tempo, ainda é pouco para as obras da egreja. E' obra que introtrem perfeitamente a junta e por bastante tempo.

N'estas circumstancias, convirá guardar o cemiterio para depois de completa a egreja?

Oh! santo Deus.

Que tempo teriamos nós de esperar; quantas epidemias viriam antes, e quantas vezes sentiriamos a necessidade do cemiterio?

A nós, surge-nos um meio facil, o unico, prompto e pratico, de tratar-se d'esse melhoramento, sem lesar as obras da egreja.

Ha uma boa porção de dinheiro destinado para as obras do cemiterio; além d'isso, a generosidade e patriotismo de muitos filhos d'esta terra, sustenta ainda a promessa feita, ha tempos, de bons donativos para esta obra; pois bem, nomeie-se uma commissão dos individuos principaes da terra, sem bulir nos da junta, para promover a construção do cemiterio, fazendô a applicação d'aquelles dinheiros.

Nada mais vulgar, nada mais pratico e justo. Não chega o dinheiro? Vai-se até onde chegar. Mas está-nos a parecer que o dinheiro que existe em deposito, com as quantias, com que os diferentes cavalheiros se dignam subscrever, faz o cemiterio e um bonito cemiterio, sem empenho algum.

Não aceitar este caminho e séguil-o, equivale a dizer, que não querem cemiterio e dizer isso é um absurdo.

A nós, cumpre-nos elucidar estas questões, prevenir as hypotheses que se pôde dar a seu respeito; a vós, compete-vos a execução.

Escrevemos este artigo, convencidos de que, da nossa parte, concorreremos para encaminhar esta questão. E' pelo menos esse o nosso mais ardente desejo.

Unam-se para este fim utilitario, pondo de parte, por algum tempo, as diferentes ideas politicas, que cada um possui, embora depois as sigam e sejam progressistas, regeneradoras, ou miguelistas. Isso é que pouco nos importa. Não fazemos imposição de ideas a ninguem.

Seremos tolerantes em cumprir com o programma que traçamos.

Enfermidade.—Tem estado gravemente doente em Coimbra, com o tifo, o nosso amigo, snr. Francisco Antonio de Miranda, alumno do 3.º anno juridico.
Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

Príncipe da Beira.—Em Albergaria Velha, logo que a camara municipal teve conhecimento official do bom successo de S. A. a duquesa de Bragança, fez as maiores manifestações de regosijo por tão faustoso acontecimento, que enche de jublio a familia real portugueza, que tão gloriosas e rufolgentes tradições representa, e a todos os que se presam de portuguezes.

A camara soube assim interpretar o sentimento de todos os seus municipios, que são essencialmente monarchicos e folgam com as prosperidades da casa de Bragança.

Publicação.—O snr. Bernardino Machado, illustre caudillo da instrução nacional, vai publicar em livro, quasi todos os discursos proferidos, quer no parlamento, quer fóra d'elle.

Melhoras.—Vai um pouco melhor o nosso respeitavel amigo o snr. Antonio Joaquim de Freitas, que ha bastante tempo tem estado doente, em Angeja.

Chegada.—Consta-nos que chega hoje a esta extincta villa o snr. Manoel Maria Ferreira Souto, e a ex.ª snr.ª D. Maria Emilia Souto Alves.

Suas ex.ªs veem do Porto, onde tem estado algum tempo.

—Chegou tambem a esta terra no domingo, vindo de Lisboa, o sr. José Nunes de Pinho.

Este cavalheiro foi surprehendido na viagem por um acontecimento, que deveras contristou a quantos o ouviram narrar.

Proximo da estação de Villa Franca de Xira, o comboyo apanhou um carro, dois cavallos que o puchavam e um homem, que os conduzia. Tudo foi despedaçado. O homem foi arrastado pelo comboyo até junto da estação, onde chegou sem pernas, nem braços!

Os tres carros que iam em seguida á machina saltaram fóra das calhas, sendo assim arrastado até o comboyo parar junto da estação.

Felizmente, os viajantes soffreram apenas contusões os que occupavam os tres wagoes descarrilhados.

Produzin um atraso de quatro horas para o comboyo.

Caçada real.—Foi felicissima a caçada que a familia real realisou em Villa Viçosa. Entre as peças de caça mortas figuravam alguns veados, que fóram para Lisboa.

Partida.—Partiu hontem para Moncorvo onde vae passar as ferias da Paschoa o nosso amigo e redactor d'este jornal o snr. Annibal Vasco Leão.

Sua ex.ª vae hospedar-se em casa do seu respeitavel tio o snr. Casimiro Vasco Leão.

Estimamos que se divirta muito.

Encommodo.—Acha-se ha dias encommodado de saude na sua casa em Angeja o snr. Ricardo Maria Nogueira Souto, redactor d'esta folha.

Estimamos o seu restabelecimento.

A congrua dos novos bispos da India.—Publicou-se o decreto, estipulando as congruas dos novos bispos, a saber:

Patriarcha das Indias...	6:000\$000
Bispo de Meliapor.....	4:000\$000
Bispo de Damião.....	4:000\$000
Bispo de Cochim.....	3:000\$000
	17:000\$000

Gratificação.—A camara municipal de Agueda resolveu inscrever no seu orçamento as quantias de 20 e 10\$000 reis para dois premios aos professores de instrução primaria que mais distinctos se tornaram no ensino no actual anno lectivo.

Os tiphos em Coimbra.—Mais uma victima do tifo:

Falleceu em Lisboa, victima da febre tifoide que o acometiu em Coimbra, o snr. Joaquim José Pires, filho do snr. Julio Pires, deputado por aquella cidade e um dos mais distinctos e esclarecidos industriaes.

O desventurado mancebo era estudante do 1.º anno juridico.

Reliquia da guerra peninsular.—Completo hontem 100 annos o snr. Joaquim de Sousa Varela, residente em Vianna do Castello, um d'entre os poucos heroes, que ainda restam da guerra peninsular.

Camara dos deputados.—Desde o dia 5 até 11 do corrente mez, foi concedido feriado aos snrs. deputados, pelo que, alguns já partiram para as suas localidades para presarem as festas no seio de suas familias.

Despachos.—Já sahiu no *Diario do Governo*, os despachos, nomeando pares os ex.ªs snrs. José Luciano de Castro e Barros Gomes.

Para Zanzibar.—No dia 18 do corrente, parte para Zanzibar, o snr. Hermenegildo Capello.

A infanta D. Antonia.—Continua a ser alvo das mais sympathicas demonstrações de affeição da parte do povo lisbonense. Tem passeado em carruagem descoberta com sua magestade a rainha, agarrando-se na sua passagem o povo para a saudar phreneticamente.

Informam-nos que a snr.ª infanta visitará o norte do paiz.

Horriavel bebida.—Um velho de 76 annos da comuna d'Ors, (França), resolveu suicidar-se, lançando mão d'um processo pouco em voga.

Diluiu polvora de caça n'um meio litro de petroleo e bebeu depois a mistura. A agonia do infeliz foi atroz, ferindo-se gravemente enquanto se estorcia por terra.

O desgraçado não estava no pleno uso das suas faculdades mentaes.

Execução.—Foi executado na Hespanha, no forte de Terralaguna, o réo Melchior de la Fuente. Até ao derradeiro suspiro portou-se com grande firmeza. Confessou-se, commungou e foi para o patibulo a sangue frio. Ao aproximar-se do algoz, retorquiu-lhe: «Entrego-te a minha alma como tu fosses um cordeiro, porisso dá-me uma morte serena.» «Assim o farei», disse o carrasco. Passados alguns momentos estava cumprida a sentença.

O gran rabino.—E' esperado no meado de julho, em Lisboa, o gran-rabino de Jerúsalem, que vem encarregado de obter donativos en-

tre a colonia hebraica, residente aqui, para as familias victimas das perseguições da Russia e Allemanha.

Perdões.—O conselho d'estado, reune hoje, em sessão, preparatoria para examinar os processos que tem d'obter os perdões.

Tres mortes.—Em Bourneville, perto de Samer, tres operarios que trabalhavam em um forno de cal, caíram d'entro d'elle.

O forno estava em brasa. Foi inteiramente impossivel salvá-os.

Concursos de professores.—Estão abertos por espaço de 30 dias desde 4 do corrente, perante as seguintes camaras:

Figueira da Foz. — As cadeiras de ensino elemental do sexo masculino dos logares de Quilalos, freguezia de Quilalos, e da Cova, freguezia de Lavos, com o ordenado annual de 120\$000 reis cada uma, e respectivas gratificações legais.

Manteigas — A cadeira de instrução primaria, 1.º grau, para o sexo masculino na freguezia de S. João Baptista de Sameiro, d'este concelho, com o ordenado annual de 100\$000 reis e gratificações que lhe corresponderem-se segundo a lei.

Boticas — As cadeiras do ensino elemental e complementar do sexo feminino da villa, com o ordenado annual de 180\$000 reis; e bem assim do ensino elemental do sexo masculino das freguezias das Alturas, Cande, Coyas e Dornellas, esta ultima mixta, com o ordenado de 100\$000 reis cada uma, e todas com as gratificações legais.

Conde de Paris.—S. A. mandou entregar na repartição telegraphica de Lisboa, 22\$500 reis, para serem distribuidos por 53 distribuidores que estiveram de serviço por occasião do nascimento do principe da Beira.

A reunião da maioria.—A reunião que se effectuou ante-hontem de noite, no ministerio do reino, terminou ás 11 horas.

O snr. presidente do conselho expôz o programma da sessão parlamentar, e cada um dos ministros deu uma ideia dos seus projectos.

Fallaram em seguida os snrs. Antonio Candido, Carlos Lobo d'Avila, Oliveira Mattos, Elvino de Brito, Antonio Ennes, Oliveira Valle, Visconde da Torre, Alves da Fonseca e Antonio Maria de Carvalho.

O ministro dos negocios estrangeiros não compareceu por estar ausente de Lisboa.

Estiveram presentes 86 deputados.

O snr. presidente do conselho fez um rasgado elogio ás medidas financeiras do snr. ministro da fazenda, sendo calorosamente applaudido pela assembleia.

O ministro da fazenda prometteu obter o equilibrio financeiro, sem lançar novos impostos.

Os demais ministros foram tambem muito bem acolhidos.

Representação.—Consta que os aspirantes dos telegraphos das administrações de Lisboa e Porto, vão representar ao snr. ministro das obras publicas para lhes ser augmentados os vencimentos. A vida nas duas capitães é relativamente muito mais cara que nas provincias e por isso achamos justa a petição d'aquelles funcionarios cuja retribuição é muito inferior ao que merecem pelos seus prestimosos serviços ao publico.

Alienados.—O snr. administrador d'Oliveira d'Azemeis tem empregado todos os meios para que sejam admittidos no hospital de S. José, ou no do Conde Ferreira, dois pobres alienados — um da freguezia de S. Martinho da Gandara e o outro de Carregosa. Tem sido baldadas todas as diligencias, e os desgraçados continuam á solta e ao desamparo.

SECÇÃO LITTERARIA

BELLEZAS DO CHRISTIANISMO

(A minha prima D. Maria José da Costa Souto)

O CHRISTIANISMO é a mais nobre e levantada instituição que a humanidade tem visto apparecer sobre a terra.

Elle é a regeneração do homem e a sublimação da familia.

E' a sustentação da ordem, da força vital e da alma das sociedades.

E' a fonte das liberdades, o inimigo da anarchia, da escravatura, da tyrania e o sustentaculo dos governos, enfim.

Sem elle, a ordem, o bem estar social, a educação, o progresso, seriam uma chimera, uma utopia. A humanidade seria uma nublosa incomprehensivel, um cahos impossivel, um precipicio ou mesmo uma cilada para cada individuo.

Grande é a cegueira d'aquelles que ousam com imprecações, com improperios, com calumnias e sobre tudo com a ignorancia feril-o só por que não estejam d'accordo na natureza da sua origem! Isso prova que não dispensaram dois momentos de reflexão sequer nos seus effeitos, na implantação da liberdade, no progresso das sociedades e sua constituição actual.

O christianismo é o vinculo, que prende o homem ao homem, fórma de todos elles uma cadeia, uma sociedade, uma familia unida pelos laços do coração. E' um jardim de flores, que dão pelos nomes de justiça, amor, sentimento, paz e fraternidade; e dá onde a mãe vai buscar todo o conforto para enfeitar os corações de seus filhos e onde procura allivio e conforto para as amarguras da vida.

O christianismo é o código fundamental de moral, é o pedestal sobre que assenta, se vigora e avança a sociedade. E' a affiniade que aproxima os corações, que os assemelha na commhão de principios communs e na posse de predicados excelsos, que os inaltecem.

Elle é o factor mais poderoso do progresso e das aprimoradas educações d'hoje, porque amolda os corações a todos os feitos e os enobrece.

Constitue um dique a todos os desvarios da consciencia, reforça as instituições, defende a propriedade e a fazenda, reprovra e reprime todos os abusos, affasta o homem do erro e dos abrolhos da vida, abre caminho seguro e livre que conduz ao bem, applaude o merito e exalta o cidadão.

Todas as leis alli vão procurar a sua essencia, a sua alma, sua força moral para no campo pratico se imporem com proveito á vontade popular.

Estabelece a paz e a tranquillidade no lar domestico, levando ahí a virtude e santas consolações.

E' que elle tem por principio a moral e a verdade, e por divisa a felicidade e a perfeição da familia.

O christianismo é a mais brilhante perola engastada na corôa das instituições humanas.

Ricardo Souto.

Amava-te!...

—Se o rouxinol cantava e a viração gemia;
Se a lua deslizando ia no vasto céu;
Se o céu na sua corte esse teu vulto erguia,
Amava-te, Maria,
Amava-te, amor meu.

Se via a borboleta a voejar no prado;
Se via d'esse prado o manto verde seu:
Fallava-me d'amor um suspirar alado,
Eu via-te, a meu lado,
Amava-te, amor meu.

—Se eu ia no jardim soltar os meus queixumes
A' brisa que carpia as maguas d'um judeu;
Se eu ia respirar das urzes os perfumes
Das montanhas nos cumes:
Amava-te, amor meu.

Se ias a cavallo—imponente amazona—,
Cria que ao pé de ti eu era um vil plebeu;
Comparava o teu ar áquelle de Bellona...
—Imponente amazona,
Amava-te, amor meu.

Se te via no altar, sosinha, ajoelhada,
Rezando com fervor, fugia—sou atheu!—
E ia-te espreitar ao longe, da quebrada,
Porque, minha adorada,
Amava-te, amor meu.

Se era na praia, então, meu casto colibri,
Tu eras o meu dono, e eu o teu lebreu;
Seguia os passos teus, qual tua sombra a ti;
Amava-te, Mimi,
Amava-te, amor meu.

—Mas hoje não te quero. Eu vi outra mulher,
Que tem como Jesus um casto talhe hebreu,
Prefiro o seu amor e o seu doce viver,
Ao teu amor, mulher,
Porque nasci plebeu.

Porto—87.

Francisco Campos.

A MÃE

(A minha mãe, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Augusta Souto e Silva)

VAMOS entrar n'um templo.

No templo dos nossos primeiros deveres sobre a terra, no santuario das nossas primeiras affeições no mundo.

Para entrar, devemos descobri-los, inclinar a fronte e dobrar os joelhos.

Ao fallarmos de filhos, irmãos e esposas, poderá haver quem onça com indifferença, porque pôde haver alguém que não haja possuido irmãos, filhos ou esposas. Mas quem não tem tido uma mãe?

As rosas da corôa da mulher estão murchas. Seu perfume desvanecido entre as anras do passado, é o ultimo adeus aos prazeres da juventude. Outro novo prazer os substitue. Prazer que participa da pena. Um penoso prazer. A maternidade é o balsamo, que augmenta a virtude da mulher virtuosa e só redime as faltas do criminoso.

A mulher adquire nova vida, desde o momento em que se agita um ser em suas entranhas.

Se ella é boa, dilata-se a sua bondade. Se é má, tem andado mais para se tornar boa.

Ao conceder-lhe Deus esse privilegio, dá-lhe um prazer immenso, desconhecido, sem igual, que leva no seu fundo o germen de grandes dores.

E estas grandes dores são a prova que sublima a mulher virtuosa e a redempção, que salva a criminoso. E estas grandes dores são a pena d'esse prazer immenso.

Todas as sensações, interesses e carinhos se ligam apenas a um extremo do coração, para dar logar a esse outro sentimento, que o enche todo e todo o domina, levantando-se magestoso e radiante com o nome de—*amor maternal*—.

O primeiro passo na nova senla está isento de pesares.

E' a epocha das graças innocentes e das travessuras deliciosas. O menino é o laço que une os corações dos conjuges. E' alegria da casa. O sol do matrimonio. A infancia dos filhos é a lua de mel das mães. Depois começam a assumir ao rosto os desgostos. Mais adiante cresce o seu numero. Por fim, só apparecem breves alegrias entre uma cadeia de sensações. Porém o carinho da mãe não diminue. Está na razão directa com as amarguras que o occasiona. Bom ou máo, rico ou pobre, feliz ou desditoso, seu filho é sempre seu filho, carne da sua carne, sangue do seu sangue, vida da sua vida. Não ha faltas commettidas que careçam de desculpa a seus olhos.

Os olhos com que uma mãe mira seu filho só veem as virtudes para engrandecel-as.

Condemnar-se-ia a si mesmo, condemnando-o.

Antes se desejaria matar, que permitir em sua presença o suplicio de seu filho.

Tendes ouvido ponderar o furor da leôa, a quem arrebatam seus filhos? Uma mãe não tem a altivez, nem o valor selvagem do leão; porém, arrebatada-lhe seu filho e vereis a leôa.

Sua paixão é cega, delirante, louca.

Ainda que seu filho seja o mais desprezível dos homens, ella o tem da lo a luz, o creou e deve defendel-o, apesar de suas infamias. Quando um homem é repellido por toda a gente, ainda tem abertos os braços de sua mãe.

Por isso, se ha alguma coisa de divino sobre a terra, está no coração da mulher, quando chora, senão o peito pelo furo de suas entranhas.

O amor da mãe é excepcional entre todos os amores.

E' o unico grande e infinito.

Só pede alguma correspondencia, e, em troca, dá a alma, a vida e a honra.

E' um amor, uma consoladora das horas espinhosas refractario das alegrias. E' um amor, cujo foco está no cen e cujos raios se projectam por sobre a terra.

E' um amor, um fim, que não pode comprehender-se, enquanto se não chega a ser pae.

A Providencia tem reservadas á mãe, provas duris-simas, amarguras terriveis. A mais desesperadora é a de, prematuramente, ver morrer seu filho.

Esta é a dôr aguda, inergica, desoladora, incommensuravel. E' a apothese das desditas. Dôr, que se não tivesse uma causa tão grande, pareceria abortada por Satanaz.

A mãe não poderia sobreviver a seu filho; o excesso da sua desesperação a mataria, se não fóra que Deus não quer que ninguém succumba de dôr; porque Deus quer que o soffrimento seja a redempção das almas.

Assim é, que chegando a tortura ao grau em que parece que vai estalar a vida, não podendo chegar mais além, o sentimento desce, desfallece, desdobra-se, e o mal torna-se insensivel, frio, immovel; enchutas as pestanas, aridos os olhos, crispados os membros, entumecido o espirito.

E' a calma ficticia tão terrivel como a tempestade.

E' o sonho da dôr.

Para que vestir-se de lucto?

Ella tem o lucto no semblante, nas rugas da fronte, nas cans do cabelle, no vasio do coração.

Tendes visto uma planta altiva, frondosa, elevando seus ramos ao firmamento e alimentada por um limpido arroyo? Essa é a mãe satis-

feita, ditosa com seu filho, que se alimenta d'elle depois de o haver alimentado.

Parae o arroyo, transplantae a planta para um deserto, e vereis desapparecer a sua hosania, emmurche- cer, ficar desfolhada, secca,... e viver unicamente por um prodigio de vegetação, como coisa, que se desfaz, como luz que agonisa, como halito que se apaga, como esperanza que morre.

A corôa das mães é a corôa do martyrio.

Não pôde negar-se que existem mães desnaturadas, cujo maior delicto é manchar o nome que tem; porém essas mulheres tarde ou cedo sentem o dedo de Deus sobre o coração, e o pranto redime suas culpas.

A religião, que é infinitamente misericordiosa, deixa sempre uma porta aberta ás consciencias mal encaminhadas. E' a porta do arrependimento.

(Trad. do hespanhol).

Angeja—1—4—87. Ricardo Souto.

SEXTA-FEIRA SANTA

Qual o pio Christão que n'este dia
Ao Golgotha não leva o pensamento!
Para junto da cruz ajoelhar
Onde o martyr soffreu atroz tormento!

Legislador divino! Quem mais houve
Que lei tão justa, igual ao mundo desse?!
Mas eis do mundo a paga! n'essa cruz
Eil-o crucificado! Alli fenece...

E em antes d'expirar ao Padre eleva
Semi-abertos olhos e piedadô
Com instancia lhe pede fervoroso
Para... se... a... a...

Vede, quanto elle é grande ante o Senhor!
Aos homens Deus mostrou sua grandeza,
Mostrou-lhes que era a luz; mal que expirou
De trevas cobriu logo a redondeza!

De refulgir o sol então deixou,
Por que outro de mais luz se extinguiu,
Toda a terra oscillou, do templo o véu
Na Jerusaleim impia se partiu...

Com medonho estruendo dos sepulchros
Resurgiram os mortos a par de nós
Aqui, allucina vivos e atordados
Pedam a Deus piedade lá tremendo;

Não mofta se de Christo; elles se curvaram
Ante aquelle que não se nos apredrearam!
Depois as gerações, uma, após outra
Sempre á cruz veneranda ajoelharam.

Maria Adelaide Fernandes Prata.

DIVAGAÇÕES

Estava triste. Ao longe o murmuro sandoso das aguas parecia querer modular a minha dôr. A natureza é como o seio de mãe, que tem refugio para todos os males, para todas as penas, para todas as afflicções. Sentis o vago anhelô do infinito, julgaes estreito o vazo do peito para o conter; ide sentar-vos á beira do oceano, e a vista distrahindo-se, alongando-se pela face sem limites d'aquelle deserto d'espuma, sem tocar a linha do cen, que termina o horisonte, vos leva errando, como o berço de Moyses, o pensamento, que desejaes arremessar ás plagas desconhecidas, onde Deus imprime a sua pegada immensa. Quereis amar, o mundo não virgens de face côr de pejo, de coração intumecido pelo amor, pela vergonha, e não podeis calar, e não sabeis conter esse perfume ideal, e o sol não tem uma scentelha brilhante, e a lua não tem

rajo de languidez, e as estrellas não tem um segredo, e as brisas não tem um murmúrio que possa namorar, e vos acompanhem nas visões que rolam em volta de vossa alma. Oh não choreis por viver assim na solidão do amor, trepae as montanhas da Escóssia, nos nevoeiros diaphanos, que as toucam, ora engrossados, ora dispartidos pelo vento, mas sempre lucidos e vagamente illuminados, vereis a fôrma caprichosa, vereis a estampa fielmente reproduzida d'essa virgem, que Deus não quiz deixar somente debuxada nas miragens da vossa phantasia.

E eu que já perdi minha mãe, vejo-lhe ainda as suas feições tristes, melancolicas e serenas, na face da natureza que para mim se mostra triste em toda a parte. Dá-me lagrimas o orvalho da manhã, dá-me notas queixosas o ninho dos rouxinoes, dá-me emfim tristeza o silencio das noites, quando minha alma esquecida por um pouco da sua dôr, ouza fitar, ouza até oscular sem medo as tranças louras d'uma donzella, que passa junto de mim, cantando.

O elemento da minha vida deve ser a dôr. A ideia do suicidio ainda não passou sobre mim, porque não descobri uma só vez no sol um riso d'escarnéo, na brisa do amanhecer o estrepito d'uma ironia. Sou triste e vivo feliz com a minha tristeza. Deus deixa cahir sobre minha fronte o orvalho sereno das consolações. Consola-me o pezar com o pezar. Mata-me a afflicção com propria afflicção. Veste a natureza de lucto, em toda a parte que as minhas pizadas vão esmagando a alegria. Bemdicta a natureza, que me sabe comprehender. Abençoado o veu da pallidez, por onde se cõam os pensamentos que trazem a melancholia á minha alma!

M...

Eu sei que existe em ti a pura essencia
D'intrinseca bondade e santo amor,
Achegado com essa vehemencia
Que a rosa estreita seu ethereo odor.

Eu mesmo leio em ti extranha ardencia,
Que simulas com ares de langor,
N'um affecto que sei traz a dolencia
Quando elle é suffocado, lactea flor...

E por mais que tu queiras songar,
Basta rever-me bem no teu olhar
Para te comprehender, loira creança...

Se procuras furtar-te aos olhos meus
E' que o filial temor que tens aos teus,
Impede que me des raios d'esperança.

Porto - 87.

C. Guimarães.

REMINISCENCIAS

CONTAVA eu quatorze annos; quatorze formosissimas primaveras me engrinaldavam a fronte adolescente de suas mais viçosas e fragrantas flores, vertiam-me n'alma o doce orvalho de suas alvoradas, transportando-me a viva imaginação a deliciosos Edens de ventura, patenteando-me a terra prodiga de ridentes arreboes em perennaes sorrisos.

Longe do ruidoso movimento das grandes cidades, e no remanso de modesta povoação do Minho, — este paraíso abençoado de Portugal — fruía eu caricias da familia, no aconchego e santa paz de nossos patriarchaes costumes. E deslisavam-se os dias semelhantes uns aos outros, mas todos bellos, risonhos e felizes, que não havia desejal-os mais bonanças.

Meu pae era para mim como frondoso plantano que se nos depara no meio da planície, roubando-nos com sua benéfica e abundante cõma aos ardentes raios d'um sol de Maio.

Minha mãe, a minha extremosa mãe, como todas as mães que o sabem ser, não havia carinhos que não me prodigalizasse; não possuía affectos que não implantasse em meu coração ainda virgem.

Quem ha ahi que possa definir arcanos, sondar immensuraveis abyssos d'amor que encerra o coração materno? Tu foste, minha mãe, o lucido fanal d'esta existencia; tu quem lhe insuflara os suaves anhelitos d'esse sentimento que redime os homens, chamado amor, apontando-lhe a vereda que conduz a uma verdadeira perfectibilidade moral; tu sim, ó minha terna mãe, que, como a pomba da arca santa, lhe trouxeste — lhe trazes — sempre a bonança n'estes encapellados mares em que navega; e lhe alumias com teus raios de vida as longas noites d'um penoso passamento!

Já então começava de arroubar-se-me a alma em um continuo locubrar de intimas contemplanções. Em agradaveis excursões pelos arrabaldes gastava eu grande parte de meus dias, e o tempo fugia para mim mais rapido que o pensamento. Ficava-me horas inteiras no meio das campinas á beira do arroio que percorre um álveo de alabastro, ou na cumiada de proximo outeiro a inebriar-me com o variado panorama que se ostentava ante meus olhos; ora observando os improbos mas innocentes trabalhos campestres, ora a vêr alguma manada de nedios bois que hiam pastando por esmaltadas veigas; por vezes, do alto da elevada collina, — depois de me haver deliciado com a leitura das suavissimas paginas de Bernardin de S. Pierre, ou de alguma esplendida descripção do philosopho de Saint-Malo, — a descebrir lá em baixo no reconcavo do valle, airoso baixel, que através as primeiras neblinas da noite, hia singrando por meio do placido rio, deixando após si longo esteiro d'azul que enrubescem os ultimos raios do sol poente.

E n'esses momentos de solitario enlevo sentia-me arrebatado ás mais ignotas regiões d'um puro ideal; sonhava-me transportado aos tempos mais felizes da Arcadia. O mundo era-me então um conjuncto de ineffaveis harmonias!

Ah eu não via a terra que pisava...
Fatalidade! — Era poeta...

Foi então que eu te vi, ó bussola fatal do meu destino; estrella que me illuminaste a fronte com um clarão que em breve me havia de cegar, arremecendo-me a medonho baratro de trevas! E eu sorri á tua apparição e caminhei sob a tua influencia como creança louca em florido jardim que esconde o precipicio.

Mas forçoso era viver; viver na accepção phisica e restricta da palavra. Procurar no mundo um porvir material e positivo que devaneios d'almas votados ao culto e contemplação do bello não podem grangear. Era preciso desprender-me de tantas e tão suaves affeições que me haviam embalado a infancia, dar o extremo beijo de despedida a meus paes, arrojando-me, nauta inexperiente, no pelago de interesses e especulações em que se debate a sociedade.

Triste e cruelissima foi essa separação!

Era em um calmoso dia estivo como os costuma haver na nossa península. Mui cedo começara a aurora a desdobrar pelos outeiros e campinas seu gracioso manto de rai-

sas, promettendo de ante-mão um dia abraçador.

Meus paes acompanharam-me até o ponto da partida: opprimia-os a angustia de paes que hiam deitar, por ventura, a derradeira benção a um filho estremecido. Eu caminhava ao lado d'elles, conservando silencio que apenas era interrompido pelos soluços de minha pobre mãe: esta ao beijar-me deixou resvalar na minha fronte uma ardente e afflictiva lagrima. Meu pae abraçou-me fazendo-me uma affectuosa e vivificante prelecção que terminava por estas palavras — *espera e soffre.*

Parti.

A via accelerada é, ao mesmo tempo que o laço pelo qual se realisa a mutua união dos povos e se prepara a confraternisação social, a inexpugnável barreira que instantaneamente nos separa de tudo quanto havemos de mais caro na existencia.

Parti; e n'um momento achei-me separado dos entes que mais amava no mundo, e esses logares que me escutavam nos brinquedos infantis, os lares paternos, a escóla, os condiscipulos, os mestres, montes, valles, planicies que me ouviram as primeiras estrophes de poeta, illusões, recordações, amores, tudo se esvaecera n'esse instante a meus olhos para só deixar ao coração abandonado a pungente reminiscencia d'um passado que não volta.

As aldeias e povoações do meu querido Minho desapareciam-me na passagem para darem lugar a outras povoações e aldeias maiores, mais opulentas talvez, mas que conservavam o aspecto sombrio e notono de menos-rica vegetação e de um inedito e arido terreno.

No cabo d'algumas horas já eu estava a grande distancia da minha terra. Mergulhava-se o astro do dia por traz d'uma longinqua cordilheira de montanhas desenhando no horizonte diaphana cinta de pallido e acafoado colorido. Fixei esse horizonte; as côres que o retingiam não eram as do sol poente da minha terra, e a luz do astro que se sorria projectava-se-me como clarão de cirios funerarios!

Senti confranger-se-me o peito, partir-se-me o coração. Copioso pranto me inundou as faces: recordei-me das ultimas palavras de meu pae — *espera e soffre...*

Foi desde então que comecei a venerar a lagrima.

Esperai e soffri.

Tenho estudado o mundo; não no hei comprehendido, nem elle a mim.

Hoje, ao revolver por entre as ruinas do passado algumas reminiscencias do que fui, depois de haver comparado os gosos de meus primeiros dias com os innumerados soffrimentos que me entenebrecem o presente, interrogo-me a mim mesmo — o que faço eu aqui?

Espero e soffro...

Então era a alma alimentada pelas illusões e delicioso devaneiar da juventude, agora... não sei o que sou...

Mas já algum critico ahi estará resmoneando com o entono tão proprio de semelhantes entidades — que necessidade tem o mundo de comprehender as egoistas sensações d'uma personalidade que se some como arêa no grande oceano social?

Como se a historia negra do eu subjectivo não fosse a negra historia da humanidade que soffre!...

E. P. A.

Paysagens

Vão caminhando alegres pela estrada
A rir sonoramente uns namorados
Enquanto o sol de frente afogueada
Flano no azul qual burguez sem cuidados.

A porta d'um casebre, preocupada
Uma velhota fia, e descuidada
Junto da relva que limita a estrada
Brincam uns pequenitos socegados.

Ha não sei que d'amor e d'harmonia
Pairando pelo azul, que nos consola,
Ouve-se perto a rir, todo alegria.

Um grande bando que sahio da escola.
E o velho padre cura pachorrento
Passa ao longo montado n'um jumento.

Porto.

Antonio de Lemos.

ANTHITESES

(A ANTONIO CORREIA JUNIOR)

Eu sinto-me atrahido pelo abysmo,
Que loucamente me acena e ri,
Porem eu penso muita vez e scismo,
Que essa bocca de lyrio me sorri...

E quando encaro a vida por um prisma,
Caliginoso, que me atrahê a si,
Olho o futuro que na luz se abysma,
E alegremente me acena e ri...

Porto - 87.

Vidal Oudinot.

MYSTIFICAÇÃO

(A ALBERTO CARNEIRO)

A tranquilla aurora d'esse olhar,
Vem ondulante aerea e transparente,
N'esta alma arida e fria penetrar,
Como uma esperança boa aurifugente...

Sinto-me bom quando o pensar dormente,
Em edenes s'espande a burilar,
Uma imagem que forma gradualmente,
Envolvida na luz crepuscular...

Depois eu formo um lirio meigo e branco,
Que a envolve n'um odor ethereo e franco,
Tão doce como a luz do firmamento!...

E então eu penso, que se fosse o lyrio,
Sorve-lhe-hia n'um voraz delirio,
Os beijos e o amor n'um só momento...

Porto, 87.

Vidal Oudinot.

A MINHA AMADA

Se eu tivera a retratar
as feições da minha amada,
faria-o no azul dos ceus,
com as côres d'alvorada.

P'ra pincel me serviria
da dama dos meus anhellos
a finissima madeixa
dos seus luzidos cabellos.

P'ra depois, lhe dar a vida
poria o meu coração,
e p'ra servir de caixilho
dava o «espaço», «a immensidão!»

Ocenarp.